

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 16/03/2019.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Presidente Prudente

EDUARDO OLIVEIRA SANCHES

**CULTURA DA CRIANÇA E MODERNIDADE: EXPERIÊNCIA E
INFÂNCIA EM WALTER BENJAMIN**

Presidente Prudente

2017

EDUARDO OLIVEIRA SANCHES

**CULTURA DA CRIANÇA E MODERNIDADE: EXPERIÊNCIA E
INFÂNCIA EM WALTER BENJAMIN**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP/Campus de Presidente Prudente, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Professor Dr. Divino José da Silva

Presidente Prudente

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Sanches, Eduardo Oliveira.

S19c Cultura da criança e modernidade: experiência e infância em Walter Benjamin / Eduardo Oliveira Sanches. - Presidente Prudente : [s. n.], 2017
164 f.

Orientador: Divino José da Silva

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Inclui bibliografia

1. Infância. 2. Experiência. 3. Limiar. 4. Cultura da criança. 5. Profanação. 6. Educação. 7. Walter Benjamin. I. Silva, Divino José da. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. III. Título.

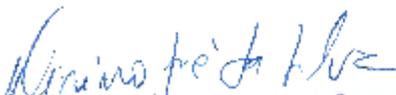
CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: CULTURA DA CRIANÇA E MODERNIDADE: EXPERIÊNCIA E INFÂNCIA EM WALTER BENJAMIN

AUTOR: EDUARDO OLIVEIRA SANCHES

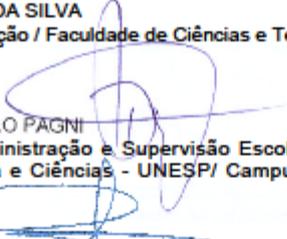
ORIENTADOR: DIVINO JOSE DA SILVA

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:



Prof. Dr. DIVINO JOSE DA SILVA

Departamento de Educação / Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP/Presidente Prudente



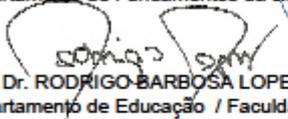
Prof. Dr. PEDRO ANGELO PAGNI

Departamento de Administração e Supervisão Escolar e Programa de Pós-Graduação em Educação / Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP/ Campus de Marília



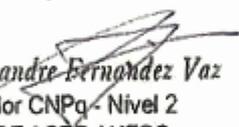
Prof. Dr. LUIZ HERMENEGILDO FABIANO

Departamento de Fundamentos da Educação / Universidade Estadual de Maringá - UEM



Prof. Dr. RODRIGO BARBOSA LOPES

Departamento de Educação / Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP/ Campus de Presidente Prudente



Prof. Dr. Alexandre Hernandez Vaz

Pesquisador CNPq - Nível 2
MEN-PPGE / CED / UFSC
NEPESC (CED / UFSC / CNPq)

Presidente Prudente, 16 de março de 2017

DEDICATÓRIA

Para Rafa e Sôfi.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças à colaboração direta de muitas pessoas.

Manifesto minha gratidão a todas elas e, de forma particular:

À Mércia e ao Wilson, pelo amor, dedicação e apoio em todas as minhas realizações;

À Rafaely, pelo amor, carinho e apoio sempre ofertado de modo generoso e, também, por ter decidido compartilhar quatro de suas sete vidas comigo;

À Sofia, por ter transformado os dias cinza e solitários de estudo em algo lúdico e leve, ensinando-me os sentidos da profanação;

Ao Lucas, por ter me deixado viver e participar da infância dele com tanta energia, afeto e cumplicidade;

À Elsa Midori, pelo carinho, afeição e pela profunda e generosa amizade, sempre em construção;

Ao Divino José da Silva e ao Luiz Hermenegildo Fabiano, pela amizade e por todo o auxílio, zelo e paciência, sem os quais minha formação jamais teria o colorido, os aromas e os sentidos que, agradavelmente, guardo na memória;

A todos os amigos, colegas, conhecidos e anônimo que acolheram minha vida e dividiram generosamente as deles, durante minha estadia nas Repúblicas Casa da Nona em Maringá e Galo Cego em Presidente Prudente. Sem a fantástica parceria de vocês a jornada teria sido muito mais difícil;

Aos professores do programa de pós-graduação e aos professores da banca por compartilharem o conhecimento e a experiência comigo. Saibam que vocês fazem parte do mais significativo em minha formação. Meu obrigado;

Obrigado aos companheiros do grupo de pesquisa que de modo oportuno ajudaram a nortear o início de minha caminhada, quando eu ainda sentia medo do “parto da montanha” ;

Aos profissionais da Pós-Graduação em Educação sempre dispostos em contribuir para orientar e organizar nossa jornada durante nossa curta passagem pela pós;

Ao professor Michael Löwy que, com um pequeno gesto, mudou todo o curso de uma vida, do plano existencial fincado no Novo Mundo para a perspectiva das descobertas no Velho Mundo, abrindo os horizontes de nosso tempo presente para a vasta programação acadêmica da *École des Hautes Études en Science Social* e a imersão cultural na sociedade francesa;

Por fim, e não menos importante, agradeço à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), processo 2013/21152-3, que financiou esta pesquisa e contribuiu para que as preocupações cotidianas com a sobrevivência não atrapalhassem minha investigação. Agradeço também à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas), processo BEX 7915/14-4, que proporcionou os meios para a experiência ímpar de viver os bons sentimentos e as angústias da “*estrangeiridade*”. Assim (re) construí, em mim, parte dos caminhos da modernidade um dia percorridos por nosso interlocutor e companheiro de viagem, Walter Benjamin.

EPÍGRAFE

Em certo tempo, começou uma Montanha a dar urros e inchar, dizendo que iria parir. As pessoas ficaram cheias de temor, receosas de que algum monstro nascesse e viesse a destruir o mundo. Chegada à época do parto, estando todos reunidos em torno e em suspense, pariu a Montanha um Rato, transformando em riso o que antes era medo.

Fábula de Esopo

SANCHES, Eduardo Oliveira. **Cultura da criança e modernidade**: experiência e infância em Walter Benjamin. 2017. 164 f. Tese (Doutorado em Educação)–Unesp, Faculdade de Ciências e Tecnologia – campus de Presidente Prudente, 2017.

RESUMO

Este estudo de natureza teórica busca, na Filosofia e na Filosofia da Educação, subsídios para investigar a relação entre infância e experiência na obra de Walter Benjamin, sob a perspectiva do que Bolle (1984) denominou de cultura da criança no contexto da modernidade. Para direcionarmos nossa investigação, recorreremos à análise dos ensaios benjaminianos em que, privilegiadamente, o tema da infância aparece: “Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação” (2002); “Infância berlinense: 1900” (2013) e “A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin” (2015). A cultura da criança constitui-se e é apresentada nos ensaios de Benjamin por meio de caminhos em que a memória e história se cruzam. Encontramos a noção da cultura da criança em percursos onde o autor recompõe a memória da própria infância, vivida no limiar entre os séculos XIX e XX, em Berlim, bem como em outros trajetos dedicados pelo autor a pensar sobre a criança, realçar e refletir aspectos, tais como sua sensibilidade ou sua condição na modernidade. A cultura da criança, portanto, aparece diluída nos elementos históricos que registram uma temporalidade em transformação e reacomodação dos papéis sociais na sociedade moderna em que a própria ideia de infância é redefinida. No terreno da cultura da criança a expressão lúdica é uma marca de ambivalência entre a imitação e a transformação. Este exercício, na sua autenticidade, não apropriada ideologicamente, provoca tensão à percepção, colocando-a entre o óbvio e o inusitado, uma vez que desarticula uma dada ordenação estabelecida de significados. Nesta noção de lúdico está implicada uma nova qualidade de vínculo com o tempo presente; envolve mesmo uma nova estética, uma nova maneira de perceber e significar as situações, como atitude profanadora. Tal noção aproxima a imagem alegórica da criança de personagens importantes para o autor em suas reflexões, tais como o *flâneur* e o colecionador. Pensar a infância nesse contexto possibilita pensá-la de modo atemporal, como uma infância do homem e, nessa vertente, como condição humana para a profanação. Enquanto ser dotado de linguagem, a perspectiva de infância do homem prevê um estado de mudez ou gagueira frente ao agora benjaminiano. Experiência e infância nos conduzem, também, ao que denominamos de infância da criança, para diferenciar aquilo que se destina a uma concepção alegórica de criança e infância em nosso estudo. Para essa ideia, há uma criança cujo protagonismo é um fator muito relevante para a emancipação. Para ela Benjamin dedica uma forma sutil de pedagogia profana por meio das ondas do rádio. Encontramos nas peças radiofônicas a consubstanciação de uma pensar sobre a infância em uma práxis desenvolvida como tentativa promover a resistência e a emancipação da criança em um momento histórico no qual a Juventude Hitlerista pressionava infância e juventude em direção a seu projeto social de dominação. Nesse sentido, pensar uma infância do homem e outra da criança pode ser compreendido, também, como uma tentativa de recuperar ou construir de modo novo as relações entre crianças e adultos, professores e alunos, em nosso tempo presente no século XXI – *Jetztzeit*: Profanar e resistir!

Palavras-chaves: Experiência; Infância; Cultura da criança; Profanação; Limiar; Walter Benjamin.

SANCHES, Eduardo Oliveira. **Child culture and modernity: experience and childhood in Walter Benjamin**. 2017. 164 p. Thesis (Doctorate in Education)–Unesp, Faculty of Science and Technology - Presidente Prudente campus, 2017.

ABSTRACT

This theoretical study seeks, in Philosophy and Philosophy of Education, subsidies to investigate the relationship between childhood and experience in the Work of Walter Benjamin, from the perspective of what Bolle (1984) called child culture in the context of modernity. In order to direct our research, we appealed to the analysis of the Benjaminian trials in which, in a privileged way, the theme of childhood appears: "Reflections on the child, the toy, the education" (2002), "Berlin childhood: 1900" (2013) and "The children's hour: Walter Benjamin's radio narratives "(2015). The culture of the child is constituted and presented in Benjamin's trials through paths in which memory and history intersect. We find the notion of the child's culture in journeys where the author recomposes the memory of his own childhood, lived on the threshold between the nineteenth and twentieth centuries in Berlin, as well as in other paths dedicated by the author to think about the child, to highlight and reflect aspects, such as its sensitivity or its condition in modernity. The culture of the child, therefore, appears diluted in the historical elements that register a temporality in transformation and rearrangement of social roles in modern society in which the idea of childhood itself is redefined. In the field of child culture, playful expression is a mark of ambivalence between imitation and transformation. This exercise, in its authenticity, not appropriated ideologically, causes tension to the perception, placing it between the obvious and the unusual, since it disarticulate a given established ordination of meanings. In this idea of play it is implied a new quality of bond with the present time; it involves a new esthetic, a new way of perceiving and signifying situations, as profanatory attitude. Such a notion approximates the allegorical image of the child of important characters to the author in his reflections, such as the *flâneur* and the collector. Thinking about childhood in this context makes it possible to think of it in a timeless way, as a childhood of mankind and, in this way, as a human condition for profanation. While being endowed with language, man's perspective of childhood predicts a state of dumbness or stutter in the face of Benjamin's time of present. Experience and childhood also lead us to what we call the infancy of the child, to differentiate what is intended for an allegorical conception of children and childhood in our study. For this idea, there is a child whose protagonism is a very relevant factor for emancipation. For the child, Benjamin devotes a subtle form of profane pedagogy to radio waves. We find in the radio plays the consubstantiation of a thought about childhood in a praxis developed as an attempt to promote the resistance and emancipation of the child in a historical moment in which the Hitlerite Youth pressed childhood and youth toward their social project of domination. In this sense, thinking about a man's childhood and one of a child's childhood, can also be understood, as an attempt to recover or build in a new way the relationships between children and adults, teachers and students, in our actual time, in the twenty-first century - *Jetztzeit*: To profane and to resist!

Keywords: Experience; Childhood; Child culture; Profanation; Threshold; Walter Benjamin.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. EXPERIÊNCIA, INFÂNCIA E MODERNIDADE SEGUNDO WALTER BENJAMIN	21
1.1. A modernidade da infância e a infância da modernidade em Walter Benjamin	24
1.2. Experiência, seu declínio e o novo bárbaro. Ainda sobre o moderno.	39
2. A INFÂNCIA EM TRÊS QUESTÕES DE MÉTODO: O LIMIAR, O <i>FLÂNEUR</i>, O COLECIONADOR	62
2.1. Infância e limiar.....	65
2.2. Infância, passagens para um <i>flâneur</i> aprendiz.....	76
2.3. Infância e coleção em Walter Benjamin: uma arquitetura para a profanação	86
3. A HORA DAS CRIANÇAS: INFÂNCIA, MODERNIDADE E ILUMINISMO NAS ONDAS DO RÁDIO	100
3.1. Walter Benjamin e os caminhos do rádio: criação, crítica e o tal “pão de cada dia”	104
3.2. Fragmentos de um pensamento sobre o rádio: uma tentativa de teorização sobre o potencial emancipatório dos meios de reprodutibilidade técnica	107
3.3. A hora da criança, imagens de um Iluminismo via rádio, passagens para o <i>flâneur</i> aprendiz.....	119
3.3.1. <i>A cidade como labirinto, uma arquitetura para o flâneur aprendiz</i>	121
3.3.2. <i>Catástrofes naturais e não naturais, uma História a contrapelo</i>	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
REFERÊNCIAS	160

INTRODUÇÃO

“- O senhor poderia me dizer, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair daqui?”

“- Isso depende muito de para onde você quer ir”, respondeu o Gato.

“- Não me importo muito para onde.”, retrucou Alice.

“- Então, não importa o caminho que você escolha”, disse o Gato.

“- Contanto que dê em algum lugar”, Alice completou.

“-Oh, você pode ter certeza que vai chegar se você caminhar bastante.”, disse o Gato.

Lewis Carroll.

Explorar o tema da infância em Walter Benjamin não é uma tarefa fácil, porém, instigante e apaixonante. A infância de que ele fala está em pleno desenvolvimento de sentidos no limiar do mundo moderno situado, por ele, entre os séculos XIX e XX. Pensador complexo, ele pulveriza sua reflexão e visão de mundo em inúmeros ensaios, sem, por isso, se entregar facilmente a uma leitura aligeirada. Dilui-se nas linhas de seus escritos, o que cobra de seus leitores certa atenção e um esvaziamento estratégico, daquele que se deixa ouvir e ser permeado pela fala do outro. Deixar-se guiar por Benjamin pelas trilhas da modernidade em busca da infância, é mais ou menos esta a imagem em nosso caso.

Como quem toma o outro pela mão e o conduz, o autor nos leva a passear pela modernidade. Vemos galerias e parques, romances, situações históricas, enfrentamentos políticos, barricadas e pensamentos que se encontram para dialogar sobre a moderna condição humana. Lembremo-nos de nossa própria história, a que um dia vivemos ou sonhamos. Sentimos saudades, alegrias, frustrações, confusão íntima e compadecimento. De certo modo, caminhar com Benjamin nas trilhas da infância é um passeio um tanto surreal. Ele mostra corcundas e anões, lugares desconhecido ou existentes, um relógio cujo tempo para, um anjo que voa de costas para o futuro, uma moça entediada, fantasmas, esconderijos, risos, gritos, brincadeiras. Vivemos nesse mundo das coisas e de inventos e de feitos grandiosos. E, nos alerta Benjamin, que tudo não passa de uma bela montagem da qual um dia a modernidade foi feita. No entanto, desse sonho dantesco, resta-nos acordar, diz o pensador. Sobraram apenas suas ruínas para vasculhar. Como toda criança se interessa por esse tipo de coisa, ele nos

convida a buscarmos, bem lá no mais fundo de nós mesmos, a nossa criança, uma que ainda seja capaz de enxergar o corcunda fanfarrão que um dia deu trabalho a nossa mãe e, a vasculhar, com ele, esses restos.

Encontramos em tais resíduos indícios de uma infância que fez da criança construída em tempos pré-capitalista um ser em construção de sentidos na modernidade. Ela vê o mundo como um canteiro de obras, onde seu corpo é um grande brinquedo mutante capaz de ser tanta coisa que não dá nem para contar, só brincando mesmo para entender. Essa infância moderna é diferente das anteriores. À criança desta infância foi dada a possibilidade de viver em um pequeno latifúndio. Os homens de letras e penas reescreveram sua sina, e ela passou a ser pequena por ser criança e não por ser um adulto em miniatura. Desenharam para ela um mundo cheio de coisas. Porém, Benjamin olhou tudo isso e disse que criança moderna precisa mesmo é de pedrinha, madeira e gamela, pois para ela há a vantagem das coisas simples serem sempre as mais complexas e belas. Se ela vira padeiro, o que toca vira confeito; se teima em ser princesa, logo a mesa vira seu reino. Assim, o pensador berlinense desenha sua imagem de infância, a primeira considerada cidadã e a ser separada e guardada pelos adultos como um talismã.

Nosso franco pensador alerta que o preço de ser criança moderna não é barato. Para algumas só resta a labuta junto à máquina, para outras, o ofício lá da escola. Cada uma com seu trabalho, o que não deixa de ser mais uma parte do pequeno mundo inserido no grande, muito sério, nada de imaginário. Em um há o sindicato infantil e, no outro, o grêmio estudantil. A luta que ali existe, seja como for, não deixa de ser de classe. Há com isso ao menos duas lições: uma, para a criança da infância e, outra, como infância do homem. E Benjamin, fisiognomista, colecionador e alegorista nos mostra os desvios para elas, monta uma caça ao tesouro cujos prêmios são o anjo da história e o anãozinho corcunda. Estamos seguindo suas pistas, pois ao final da apresentação que se segue, elas nos levará aos três capítulos que compõem esta tese. Vamos seguir juntos?

A presente pesquisa vincula-se à área de Filosofia da Educação e tem como objeto de análise compreender como se articulam experiência e infância na obra de Walter Benjamin, no contexto da Modernidade, por meio do que Bolle (1984) denominou de cultura da criança. Para direcionar nosso trabalho, recorreremos à análise dos ensaios, cuja temática tenha sido, privilegiadamente, a infância e destacamos aqueles contidos em três livros editados para o público brasileiro: "Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação"; "Infância berlinense: 1900" e "A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin". A cultura da

criança, pelo modo como argumenta Bolle (1984), constitui-se e é apresentada, nos ensaios de Benjamin, por caminhos em que memória e história se cruzam, em percursos onde o autor recompõe a memória da própria infância, vivida no limiar entre os séculos XIX e XX, em Berlim, bem como em outros trajetos por meio dos quais o autor pensa a criança a fim de realçar e refletir sobre aspectos que a caracterizam, sua sensibilidade ou sua condição na modernidade. A cultura da criança, portanto, aparece diluída nos elementos históricos que registraram uma temporalidade em transformação da vida a partir da moderna noção de indivíduo, redefinindo a própria noção de criança e infância.

A partir do enfoque analítico que se pretende realizar no desenvolvimento dessa investigação, compreende-se que há uma infância do homem¹, a qual definimos por meio de Agamben (2005), como uma expressão de gagueira perante o mundo, uma ausência de palavras, cujo vazio aguça outras percepções, por meio das quais, sentidos novos podem ser estabelecidos no e para o ser falante; e outra, que denominamos de infância da criança², para criar um critério de diferenciação que fosse pertinente para o estudo e destacar os sentidos e impactos da modernidade sobre a condição da criança. É possível pensar esses dois caminhos para a infância como lugar de experiência para a infância da criança e, ao mesmo tempo, uma infância do homem como recomposição da experiência no ser adulto? Entendemos que a possibilidade de tal arranjo seja possível. Agamben (2005) buscou na condição da infância e sua situação limiar, uma passagem de conciliação entre a criança e o adulto, por meio da

1 A infância do homem pode ser configurada a partir de uma experiência da linguagem, da saída da condição de um ser sem fala articulada para o seu correlato, produzido no seio da cultura, o ser falante. Agamben (2005, p. 16) coloca da seguinte forma essa proposição: "existe uma experiência muda, existe uma in-fância da experiência? E se existe, qual a sua relação com a linguagem?".

2 Chegamos a essa diferenciação por meio do pequeno ensaio intitulado "Walter Benjamin e a cultura da criança", de Willi Bolle. A partir dele, começamos a articular a relação entre infância do homem e infância da criança como par dialético para entender a noção de infância em Walter Benjamin, bem como a articulação dessa ideia com a de experiência para o pensador. Bolle (1984, p. 13) assim diferencia os escritos benjaminianos sobre a infância, na apresentação da obra "Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação": "Na medida em que o autor, naquela altura um homem com 40 anos, mergulha na memória da sua infância, ele recupera o mundo da cultura de seus pais; mas, concomitantemente, nessa volta ao tempo, recupera em certo sentido a maneira de ver da criança, a sensibilidade e os valores dela, e, sob esse ângulo, o livro se lê como se fosse um relato de criança para criança, a margem da cultura adulta. O projeto do escritor visava também preservar os valores da infância e juventude. Pois eram exatamente estas - enquanto "futuro da nação" - que estavam na mira da máquina de propaganda do novo regime totalitário que procurava organizar, captar, seduzir, fazer a cabeça dos jovens e pequeninos, incentivando-os por todos os meios a integrarem a 'Juventude Hitlerista'. Benjamin trava uma luta consciente contra os precursores desse enquadramento compulsório das crianças num mundo de adultos enrijecidos, na medida em que o Estado fascista é um prolongamento de uma certa pedagogia burguesa do século 19".

experiência da linguagem³. A infância que está em jogo nesta relação proposta pelo autor não é exatamente cronológica e, sim, alegórica⁴, pois faz dela modelo de caminho indireto para que o ser falante possa manter vivo em si a sensibilidade da criança em relação ao mundo. Em Benjamin, encontramos esse itinerário de modo vívido e o desenvolvemos na relação com outros assuntos, tal como quando aproximamos a criança do *flaneur* e do colecionador. Entretanto, concomitantemente a esse viés de análise, conforme evidencia Bolle (1984), encontramos no trabalho do pensador uma defesa dos valores da infância e da juventude, que foi sendo elaborado durante todo este estudo e que, todavia, ganha maior relevância no terceiro capítulo.

Assim, no primeiro capítulo, o objetivo evidenciar os sentidos de *infância*, *experiência* e *modernidade* no contexto da obra de Walter Benjamin, pois tratam-se de três questões/conceitos caros a este estudo, a fim de garantir os elementos fundamentais de nossa discussão. Para tal empreendimento, dividimos o texto em duas sessões. Na primeira, destinamos nossos esforços em um percurso que tratasse da infância e da modernidade, para que uma categoria iluminasse a outra e evidenciasse a modernidade da infância e a infância da modernidade. Isso nos permitiu demonstrar como o autor analisa o impacto social do mundo moderno no contexto da vida da criança, nas situações cotidianas, entre os séculos XIX e XX. Nosso trajeto buscou elaborar a modernidade nas reflexões do autor e o sentido da infância nesse contexto. Assim, encontramos uma série de pontos com as quais construímos os fundamentos iniciais de nossa elaboração, evidenciando como o filósofo constituiu certa fisionomia do moderno nos textos sobre infância e como a infância ganha contornos de modernidade nos ensaios reunidos nas obras "Infância Berlinense" e "Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação". Podemos afirmar que há uma modernidade para a infância e nos elementos que a constitui, existe também uma experiência particular do tempo de infância que só cabe ao mundo moderno.

Encontramos registros que demarcam como as mercadorias se impuseram como

3 "O espaço entre voz e logos é um espaço vazio, um limite no sentido kantiano. Somente porque o homem se encontra lançado na linguagem sem ser aí levado por uma voz, somente porque, no *experimentum linguae*, ele se arrisca, sem uma 'gramática', neste vazio e nesta afonia, algo como um *ethos* e uma comunidade se tornam para ele possíveis" (AGAMBEN, 2005, p. 16).

4 Fabiano (1999, p. 72), ao referir-se à etimologia do termo alegoria, afirma que ele "significa dizer o outro, que fala de outra coisa que não de si mesmo; *allos* - outro; *agorein* - falar, em grego, demonstra que cada elemento que a constitui quer dizer outra coisa que não o sentido primeiro. Pode-se pensar só por tal etimologia o quanto o processo alegórico se constitui dialeticamente na apreensão do real, para além daquilo que a linguagem capta na sua convencionalidade. O estado de suspensão que a alegoria submete os termos que relaciona, remete em princípio para a questão de que o conhecimento de algo, de uma verdade, não se processa de imediato ou de antemão, linearmente concebido".

utensílios do brincar infantil. Com isso, impulsionou-se tanto a indústria especializada de brinquedos como a sensibilidade de crianças e adultos em direção ao moderno. Manifestam-se, em conjunto com as mudanças nas relações produtivas, outras, de cunho formativo cultural, que inauguram condições novas para as famílias. Estas tiveram que lidar com a educação compartilhada com o Estado, por meio da escola, como recurso para disciplinar e urbanizada a subjetividade infantil, caso a família fosse de origem burguesa. Se ela fosse de origem operária, o próprio mundo do trabalho seria encarregado desse feito. Em oposição a essa infância, lugar seguro da criança burguesa, Benjamin se lembra das crianças proletárias e pensa formas de acomodar suas necessidades, sobretudo a necessidade da transformação das relações sociais que rouba total ou parcialmente a infância das crianças da classe operária.

Na seção dois, do primeiro capítulo, a noção de experiência foi eleita como guia para nosso percurso. Tentamos elaborá-lo, incorporando sempre que possível as aproximações sobre a ideia de infância nesse trajeto. Utilizamos de seis ensaios para estabelecer nossa análise, são eles: “Experiência” (1913); “Sobre o programa da filosofia do porvir” (1918); “Experiência e pobreza” (1933); “O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov” (1936); “Sobre alguns temas em Baudelaire” (1940) e “Infância Berlinense: 1900” (escrito entre 1926 e 1938). Buscamos demonstrar como a noção de experiência foi algo perseguido pelo autor em sua juventude e em sua maturidade. Nessa busca incansável, implacável, que atacou e cindiu o termo até o âmago sem o aniquilar (BENJAMIN, 2002), há situações que nos remetem à infância da criança e à infância do homem, as quais buscamos evidenciar em momentos pontuais. Assinalamos variações sobre qualidades do conceito de experiência, em Benjamin, que foram sendo construídas, gradualmente, conforme o autor mudava seu foco de análise e observação social para falar de experiência e modernidade. Deste trânsito, fizemos inferências para tentar demonstrar que a noção desenvolvida pelo autor se caracteriza por meio dos desvios que ele mesmo faz durante a vida e que o ajudaram a construir seu entendimento sobre o conceito de experiência.

Quando em 1918 o filósofo propôs como tarefa pensar um tratado filosófico que pudesse abarcar na noção de experiência qualidades fora do contexto da arquitetura kantiana, ele o fez, visando à singularidade que poderia existir na relação entre sujeito e objeto e que expressasse, nessa particularidade, aspectos de um conhecimento sensível. Assim também o fez quando demonstrou a trama entre memória e história em “Infância Berlinense: 1900”; ao reivindicar a experiência da juventude, contrapondo-se à máscara do adulto no ensaio “Experiência” de 1913 ou no relato do pai no leito de morte, que comunica uma experiência aos filhos, presentes nas reflexões sobre o tema do empobrecimento da

experiência, datadas de 1933 e 1936. Todos esses ensaios evidenciam formas de conhecer o mundo por desvios. Para ele o conhecimento não pode ser parte de um código único de experiência como visava Kant. Deste modo, Benjamin voltou-se para o conhecimento como um exercício que evoca o acontecimento, os agoras, como ele costumava dizer, os sentidos da aura. Essa mudança conceitual congrega em si o conhecimento que se constitui a partir de se ter experiências e não de fazê-las como visa a ciência moderna (AGANBEN, 2005)⁵. A cisão profunda no entendimento da noção de experiência acarreta no que ela possa emergir, portanto, não no sentido tradicional, mas, de modo precário, no contexto moderno da condição de um mundo em constante transformação.

No capítulo dois buscamos pensar a infância a partir de três questões do método benjaminiano - o limiar, o *flâneur* e o colecionador - os quais são centrais para o pensamento do autor, segundo Barrento (2013). Tomamos, nessa perspectiva metodológica, suporte para compreender a cultura da criança em Benjamin. Em tal contexto, o limiar pode ser entendido como alegoria de uma zona onde há possibilidades amplificadas para se ter experiências. Encontramos uma *noção limiar para a concepção de brinquedo* que o pensa para além do convencional conceito de brinquedo. Desse modo, percebemos que a criança brinca com muitas outras coisas como pedras, ossos de animais, pedaço de madeira, livros e objetos de toda ordem, sendo todos *utensílios do brincar*. Neste sentido, efetiva-se, no fazer infantil, uma *atividade limiar* entre a fantasia e o real, que permite à criança ser protagonista de seu aprendizado no ato do brincar. Outra imagem que pode ser formulada é a da criança como *um ser limiar*: entre a ausência da fala e o ser falante.

A noção de limiar nos ajuda a compreender que, por meio do modo como a criança, do alto de sua infância moderna, participa do mundo, faz emergir um índice filosófico que aproxima sua sensibilidade a de personagens como o *flâneur* e o colecionador. O desvio é uma das grandes marcas que participa da constelação de conceitos que delimitam a ideia de limiar como método, segundo Barrento (2013). Porém, pode ser também uma condição sensível, uma forma de ser e estar no mundo. Em nosso estudo, eis o que vincula as sensibilidades da criança, do *flâneur* e do colecionar: a perspectiva sempre eminente do desvio. Para essas três figuras, há como princípio uma forma de recusa a um discurso linear, o

5 "A transformação de seu sujeito não deixa imutável a experiência tradicional. Enquanto o seu fim era de conduzir o homem à maturidade, ou seja, a uma antecipação da morte como ideia de uma totalidade consumada da experiência, ela era de fato algo de essencialmente finito, e logo, era algo que se podia "ter" e não somente "fazer". Mas uma vez referida ao sujeito da ciência, que não pode atingir a maturidade, mas apenas acrescer seus próprios conhecimentos, a experiência tornar-se-á, ao contrário, algo de essencialmente infinito, um conceito, como dirá Kant, ou seja, algo que se pode somente "fazer" e jamais "ter": nada mais, precisamente, do que o processo infinito do conhecimento" (AGAMBEN, 2005, p. 32- 33).

que os levam para o caminho indireto na relação com as coisas. Um, que seja mediado pela possibilidade de observar, parar e tomar fôlego, sempre que necessário, recuar e avançar em relação à realidade com a qual se pretende alguma relação. Desses desvios emergem: a aura das coisas, da qual o novo bárbaro (BENJAMIN, 1994) pode ter a experiência possível com o moderno; a sensibilidade da criança como equivalente de um *flâneur aprendiz*; e uma compreensão sobre a cultura da criança, sendo constituída, em parte, dos restos da história, à margem da cultura adulta, e que evidenciamos por meio da noção do colecionador.

No terceiro capítulo, dedicamo-nos a encontrar "as lições de Benjamin no país das maravilhas radiofônicas". Tentamos retirar das ondas do rádio o mundo ao qual o autor dedicou à infância, a fim de reconstituir o canteiro de obras deixado por ele como herança para todas as crianças. Há em suas peças radiofônicas um índice lúdico como indicação de um *flânerie* infantil pelas lojas de brinquedos e ruas de Berlim. Existem aventuras com personagens considerados não exemplares para as crianças, tais como bruxas, magos, bêbados e traficantes, sendo tais personagens heróis e não vilões da história. Encontramos ainda, nessas peças, densidade teórica com uma forma leve em sua estrutura narrativa. Como quem encarna o narrador da tradição para fazer história infantil, um gênero quase novo se a referência for a idade da infância moderna, o pensador nos dá uma verdadeira aula sobre como contar histórias no sentido forte do temor. Como quem dá um conselho às crianças, ora aqui ora acolá, de modo prolixo, sem forçar a mão. Assim, ele guia as crianças por suas histórias, com olhar retroativo, todavia, em direção ao futuro, estabelecendo no seu tempo presente um contraste de impressão em relação à história oficial.

Nosso itinerário teve como guia a obra "A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin", cujo volume publicado em 2015, no Brasil, contempla 29 traduções em português, das quase 90 conferências escritas pelo autor em um diálogo com as "Teses sobre o conceito de História". Desenvolvemos o percurso do terceiro capítulo em três momentos. Na primeira seção, tratamos de aspectos contextuais de onde emergem as criações radiofônicas, bem como importantes reflexões realizadas pelo pensador sobre o impacto dos meios de comunicação de massa no cotidiano das pessoas na República de Weimar. Na seção dois, aprofundamos as questões referentes à técnica e como ela impactou na relação produtor/escritor receptor/ouvinte, segundo a ótica benjaminiana. Com esse desvio, pretendemos evidenciar que escrever para crianças demandou do nosso filósofo não apenas habilidade com as palavras, mas sim pensar uma estética que fundisse forma e conteúdo filosófico para um público ainda novo para ele: a criança indivíduo, cidadã, consumidora de mercadorias e bens culturais, fruto da infância criada pela moderna e burguesa visão de

mundo.

Essa perspectiva de análise foi central na seção três do capítulo três, num diálogo entre as teses sobre o conceito de história e as peças radiofônicas para crianças. A intertextualidade entre as teses e as peças radiofônicas possibilitou-nos demonstrar uma espécie de pedagogia profana, cujo conteúdo é didaticamente tratado de modo limiar. O fato de encontramos certo didatismo não diminui as peças radiofônicas, a nosso ver, contrariamente, elas agregam elementos mais contundentes de reflexão. É no sentido amplo do termo que estamos atribuindo um senso pedagógico para as peças. Temos a clareza de que Benjamin não foi um pedagogo ou um educador, no sentido estrito do termo, todavia, parece-nos clara também a intencionalidade em educar a percepção histórica das crianças, por meio das peças, em um momento político delicado na Alemanha, no limiar entre a Primeira e a Segunda Guerra.

Ao pensarmos nas peças, do ponto de vista didático e da aprendizagem, podemos resgatar na intencionalidade de Benjamin, a atenção e o cuidado a elementos aparentemente pouco relevantes para o esclarecimento, como *Aufklärung* no cotidiano prosaico das massas, como são os temas abordados nas narrativas e a forma como foi feito. Esse cuidado o levou a questionar e exercitar, experimentar, a mediação do conhecimento por meios novos e metodologias inovadoras para a época, sem perder de vista a perspectiva dos vencidos em sua batalha diária, em seu cotidiano. Essa perspectiva de ampliação do conhecimento, que encontramos nas narrativas radiofônicas em um diálogo com as teses sobre o conceito de história, é o que estamos chamando de conhecimentos limiares. Ampliar as possibilidades sobre um determinado assunto, a partir das conexões sócio-históricas possíveis, nessa vertente, se mostrou como um fundamento importante para expandir a consciência histórica das crianças e seu protagonismo na ação social.

Ao se contrapor ao ideal de uma educação como ajustamento dos indivíduos ao projeto social burguês (BENJAMIN, 2002), o filósofo nos deixa pistas para pensarmos alternativas de resistência ao enquadramento compulsório da vida humana ao Capitalismo. Nessa vertente, esse pode ser um dos sentidos da ideia de infância do homem em sua obra: resistir ao enquadramento social ao resgatar, no ser falante, a sensibilidade da infância; ao mesmo tempo em que se permite a criança uma formação alternativa que a fortaleça para resistir ao mesmo tipo de enquadramento. Nesse sentido, Benjamin sugere uma pedagogia mais lúdica e menos burocrática, centrada no protagonismo infantil como uma forma necessária para um modelo de formação emancipatória.

Tais noções nos levam a refletir sobre a relação professor/aluno no íntimo das ações

cotidianas do chamado chão da escola. Pensar a relação entre experiência e infância, nesse contexto, é parte de um processo de revisão dos nossos paradigmas acerca da infância no século XXI, para uma educação que possa ser, tal como o programa de radiofônico de Benjamin, também profana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ouvinte de rádio é quase sempre um indivíduo isolado e, mesmo supondo que você chegasse a alguns milhares, nunca será mais que milhares de indivíduos isolados. Então você tem que se comportar como se estivesse se dirigindo a um único [...]; Nunca como se falasse durante uma reunião. É uma coisa. Há outra: respeite estritamente a cronometragem. Se não o fizer, teremos de fazer em seu lugar, isto é, cortando sem escrúpulos. [...] Então não se esqueça: fale naturalmente e finalize pontualmente!⁶³

Walter Benajmin

Ao longo do nosso estudo, nossa tentativa foi compreender como se articulam experiência e infância na obra de Walter Benjamin, no contexto da modernidade, por meio do que Bolle (1984) denominou de cultura da criança. O que dá a coerência aos capítulos deste estudo é o objetivo de representar a infância a partir de uma cultura da criança⁶⁴, evidenciada por Benjamin de modo sutil em seus ensaios, como expressão de um cotidiano em transformação, com preocupações crescentes em torno das necessidades da criança. Estão na cultura da criança às marcas de uma forma de experiência por meio da qual se constituiu uma noção de infância moderna nos registros benjaminianos. Essa representação da infância permite-nos reconhecer que a experiência da infância se situa num grande limiar. Um espaço que abrange o olhar retroativo do adulto, ao rememorar sua infância, ao mesmo tempo em que reaviva a infância vivida por ele, como sua experiência de criança. Entre uma experiência na

63 Original - "L'auditeur de radio est presque toujours un individu isolé et, supposé même que vous en atteigniez quelque milliers, ce ne seront jamais que des milliers d'individus isolés. Vous devez donc vous comporter comme se vous adressiez à un seul [...]; jamais à une assemblée. C'est une chose. Il y en a une autre: respectez strictement le minutage. Si vous ne le faite pas, nous devons le fair à votre place, c'est-à-dire en coupant sans scrupule. [...] Donc, ne l'oubliez pas: élocution naturelle et point final à la minute!"

64 Fizemos isso recorrendo à leitura e análise dos ensaios cuja temática tenha sido, privilegiadamente, a infância e destacamos aqueles contidos em três livros editados para o público brasileiro na forma do "Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação", "Infância berlinense: 1900" e "A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin". Os ensaios e as peças radiofônicas contidas nestas obras possuem a verve que foi nossa guia e chamariz para reflexões e diálogos com outras noções caras a nosso pensador, tais como a modernidade, a experiência, o limiar, o *flâneur*, o colecionados, o seu conceito de história.

infância, em sua plenitude vivida pela criança, e outra, realizada pela memória, efetivada e afetada pelo adulto, existe o limiar de onde podemos extrair elementos para uma infância do homem.

Encontramos na obra do autor um pensamento que, de certo modo, "brinca com a noção de infância" e esse teor lúdico de suas reflexões favorece a aproximação de ideias densas e conceitos estruturantes nas reflexões de Walter Benjamin, como experiência/vivência, limiar/fronteira, *flâneur*/mercadoria, coleção/narração, memória/história, enfim, assuntos que nos permitem refletir sobre a complexidade da ideia de infância do homem. Tal noção reflete a imagem daquele que se permite ainda estar em situações que o coloquem na condição sensível da criança em relação ao mundo.

Nessa perspectiva, afirma-se uma experiência com o mundo, radicada no ser falante, ao recuperar a forma sensível da criança num diálogo com as formas já estabelecidas no adulto. Esse modo de estar no mundo nos aproxima do momento de nossa vida em que o indizível da pura e simples ausência das palavras nos fazia significar a realidade por outros recursos sensíveis. Essa condição faz emergir, em nossa relação com a realidade, a perspectiva de uma infância do homem. Uma gagueira que reflete um vazio das palavras como abertura para novas formas de perceber e significar a existência, tanto a individual como a coletiva. A sensibilidade da criança pode ser tomada, neste contexto, como imagem de um antídoto contra a frieza burguesa que motivou e ainda movimenta o genocídio no mundo capitalista contemporâneo.

Não é, portanto, uma fase particular ao desenvolvimento da vida humana e sim com um princípio com potencial de orientar a sensibilidade adulta na produção da experiência. A saída da margem onde habita o ser sem fala articulada, para a do ser do *logos* é, nesse sentido, uma dupla determinação em relação à condição humana. Por uma via, temos a saída da infância rumo à vida adulta: é a via irremediável que nos acomoda a todos, pela simples e inegável condição biológica. Esse caminho nos possibilita deixar de ser um membro da espécie e ser inaugurado pela cultura, tornando-nos seres sociais.

Na contramão, recuperar a verve curiosa e predisposta a experiência como agoridade, no sentido benjaminiano, tal qual a sensibilidade da criança, é afastar-se do itinerário que determina a manutenção do *status quo*, que nos ensina a seguir pelos trilhos do pragmatismo que alimenta o capital, sem jamais olhar para trás. Nesse sentido, é uma forma de ir contra a barbárie moderna como modelo de formação

subjetiva e resistirmos, mantendo-nos ainda com o potencial ético social, fundamental para uma sociedade justa. A infância do homem é a imagem da experiência possível ao ser falante. Uma tentativa de emancipação do claustrofóbico ambiente social que radicaliza em seu contexto o declínio da experiência compartilhada que manteve o mundo em seu curso em tempos pré-capitalistas.

No primeiro capítulo, demonstramos a força da representação da infância na obra de Benjamin, construindo uma fisionomia da modernidade, por meio das evidências que compuseram a imagem de uma moderna cultura da criança nos ensaios do autor. Nesse percurso encontramos elementos para afirmar que Benjamin reconheceu a noção de indivíduo moderno como vivência necessária para se chegar a alguma experiência na modernidade, não no sentido da tradição, mas como aquela que governa a mente inquieta do novo bárbaro, ao qual Benjamin atribui um valor positivo. Esse, por ainda não ter sido pavimentado por completo em sua subjetividade, ainda carrega consigo espaços para profanar a ordem estabelecida. Nos ensaios sobre a noção de experiência, encontramos esse tipo de registro, apesar da grande marca ser o declínio da experiência da tradição.

Se tomarmos os argumentos seguindo a cronologia de sua produção, verificamos que na juventude Benjamin criticou, de modo severo, a experiência do adulto, chamando-a de “máscara do adulto”, em contraposição aos “sonhos da juventude”. Neste ensaio, há uma valorização da experiência possível de ser vivida apenas na juventude e sabotada pelos valores morais que subjaziam a tal máscara que o adulto se referia como a experiência. Já nos textos da maturidade, ele reivindica aos jovens ouvidos que um dia se permitiram ouvir os conselhos dos mais velhos. Essa aparente contradição nos demonstra um completo e profundo respeito ético para a experiência do novo bárbaro, pois ela qualifica de modo mais agudo a noção de infância do homem quando evidencia o princípio de não envelhecer em espírito enquanto o corpo avança na escala do tempo.

Assim, portanto, há, no mínimo, uma valorização dessas especificidades como se fossem a aura possível, remanescente, em uma vida sob o signo da mercadoria. Nesse sentido, entendemos que Benjamin indica que, para cada momento da vida, existem experiências que só podem ser vividas como agora. Gagnebin (2014) denomina isso de ritos limiares e experiências limiares, ou seja, situações que fazem parte dos rituais de passagem como é a puberdade, o nascer e o morrer. Como exemplo disso, mencionamos

a assertiva feita pelo autor alemão em um de seus textos, em que reflete sobre a vida dos jovens, parafraseando-o, não é a mesma coisa fugir da casa dos pais quando se tem 15 anos e quando se tem 21. Quem nunca o fez aos 15 perdeu a chance de viver essa rebelde aventura adolescente⁶⁵.

Com esse rompante juvenil, chegamos à ética do passeante (MOREY, 1990), pois ela move tanto o *flâneur*, como a criança da Infância Berlinense, vivida por Benjamin no limiar do século, em 1900. De modo labiríntico, por meio do deambular, se conhece a cidade e suas múltiplas passagens, tanto em Paris como em Berlim. A ética do passeante demonstra não apenas que há uma experiência ligada ao crivo geracional, mas que o *flâneur* aprendiz que cada um tem é o princípio do que virá a ser o *flâneur* adulto que cada um virá ou não a ser. Para algumas crianças, simplesmente foi vetada qualquer possibilidade de viver a infância moderna, seja pelo trabalho infantilx seja pelos abusos físico, sexual, mental ou psicológico. A elas nos resta não esquecer jamais o que lhes foi feito. Resta-nos repensar a vida moderna que deixou como legado para estas crianças e adultos a triste invisibilidade consequente da completa integração ao mundo do trabalho e às demandas do consumo.

No capítulo dois, por meio da noção de limiar, mostramos que a relação da criança e do adulto com o mundo, se mediada por limiares, pode resultar em um modelo emancipatório de formação. O limiar nos permite pensar a infância do homem como algo que começa com a própria vida em sua epigênese, pois mesmo antes de nascermos já existe toda uma história pregressa que nos constitui como sujeitos históricos. Enquanto sujeitos históricos, a horizontalidade da vida individual é atravessada pela verticalidade histórica dos processos coletivos de nossos ancestrais, bem como nos conecta com o que virá. Assim, o limiar gerado pela noção de infância do homem comporta a possibilidade de novos vínculos com a realidade, novas compreensões que advêm com passar dos anos. Na condição da infância do homem, o limiar se amplia a cada novo dia de vida, pois o novo dia vivido pode abastecer a ânima, de novas perspectivas, se tocada pelas possibilidades da experiência dos agoras.

65 No aforismo de “Rua de mão única” intitulado “Volte! Está tudo perdoado”, o autor analisa a felicidade no limiar entre a liberdade e o abandono do aconchego do lar paterno a partir da experiência de fugir de casa quando adolescente. A ousadia em sair da zona de conforto, segundo Benjamin, é condição para se ter a experiência da felicidade que somente é possível ao se viver o não planejado, os agoras. O texto diz: “Pois somente o que já sabíamos ou exercitávamos aos 15 anos representará um dia os nossos atrativos. E, por isso, uma coisa jamais pode ser reparada: ter perdido a oportunidade de fugir da casa de seus pais”, pois: “de 48 horas de desabrigo nesses anos condensa-se como numa barrela o cristal da felicidade da vida” (BENJAMIN, 2002, p. 103).

Essa busca para o novo sentido dos agoras, na forma da infância do homem, é a alegoria do que anima e fortalece a subjetividade do *flâneur* ao ponto de ele poder emprestar sua alma à multidão, tal como afirma o pensador ao analisar a obra de Baudelaire. A alegoria do colecionador atribui novos sentidos à imagem da infância do homem, a qual buscamos na obra benjaminiana. Essas duas figuras, *flâneur* e colecionador, poderosas, no contexto da obra do autor, são profundamente cúmplices da infância do homem como uma condição que a habita. Eles se perdem pela cidade bem como encontram nela experiências urbanas colecionáveis constituídas do mais puro néctar da sabedoria que alimenta as experiências limiáres: o desvio. Assim como a criança, o *flâneur* e o colecionador se alimentam dos restos e dejetos sociais com tanta energia que a sensibilidade deles permite um encontro com a realidade cujo limiar comporta um cotidiano repleto de tudo que forma a tessitura do moderno lixo social: como os vencidos e sua história, a mercadoria e suas fantasmagorias, a massa e sua sensibilidade. É a maneira como Benjamin lê a história, provocando tensão entre a história oficial e a história dos vencidos. De modo dialético, objetiva-se uma elaboração do individual com o coletivo do qual faz parte, este como local onde se vive, constrói e compartilha a história, forma-se e dispensa-se seu lixo social. O desvio é o que permite a ressignificação do mundo em uma vertente com potencial emancipatório, revolucionário, na relação entre sujeito e sociedade. O tratamento do autor para essas três figuras demonstra como o desvio é uma postura diante da vida, um estar aberto e sensível para o que os agoras trazem junto consigo.

A infância, neste contexto alegórico, como uma forma específica de sensibilidade e condição humana, retorna como centro da própria noção da experiência. Se na tradição estava claro o sentido e as condições de sua existência, encontramos, na infância moderna representada em Benjamin, sentidos para uma possibilidade de experiência com o moderno. Na infância como imagem da ausência de fala está também a imagem da ausência de um logos desenvolvido, portanto, um realce para outras formas de apreensão e compreensão do mundo. Dito de outra forma, há uma infância representada como modelo de recomeço para o adulto. A ausência de um logos pode ser lida, nesse contexto, como contraposição ao mundo burguês, como ausência da forma particularmente burguesa de se conhecer o mundo. Um recomeço ou uma nova experiência, consigo mesmo, para o ser falante. Digamos, a infância do homem pode ser um caminho para o "adulto mascarado", descrito como concorrente, inimigo, contrário

aos "sonhos da juventude", se reinventar em um sentido revolucionário inclusive. Sem essa alma caricata, aberta a existência do diferente como algo constitutivo das experiências humanas, o conservadorismo tem espaço subjetivo e objetivo para forçar o estabelecimento e a adesão a impérios fascistas, como vimos, no mínimo, duas vezes no século XX durante as duas guerras mundiais.

Além de uma argumentação em favor de valorizar a infância do homem, acreditamos ter encontrado, também, pistas de que exista outra linha de reflexão que tenta enxergar a criança no centro de seu protagonismo, uma infância da criança. Em seu império diminuto, como cita tantas vezes o autor, ela nos indica a perspectiva de outra infância que se efetiva somente por meio da experiência única de ser criança. Nessa vertente, o conceito de infância ganha vida ao ser rearticulado a outros conceitos como aqueles há pouco mencionados. Os conceitos mais organizados ou mais explorados da obra de Benjamin, em nosso estudo, ajudam a iluminar e, portanto, ampliar a visão sobre a infância, tanto na obra do pensador como em reflexões que cumpram outros percursos como na relação da infância com a educação.

Nesse sentido, chegamos ao capítulo três, momento dedicado a examinar as narrativas radiofônicas e o como toda a expressão sobre infância de seus outros ensaios se consubstancia em uma prática formativa, voltada para a criança representante desta infância. Em meio a todas as contradições da república de Weimar, Benjamin investe nas peças didáticas como forma de tentar remediar ou prevenir a ascensão da mentalidade que se identifica, em uma espécie de servidão voluntária, a modelos sociais fascistas (BOLLE, 2000). Verificamos que havia uma pressa no ambiente do nazismo, no sentido de arrebanhar a juventude em favor de seu projeto de dominação social. Abordar aspectos da Juventude Hitlerista em nosso estudo, no sentido de demonstrar uma expressão social, um modo e um momento histórico, mostrou-se reveladora de como o protagonismo de infância e juventude passaram a valer muito no século XX. Enquanto esse protagonismo estava sendo discretamente direcionado à formação do exército do futuro Führer, Benjamin preocupava-se em liberar-las para uma experiência civilizadora com a cidade, com fins a emancipação.

Nesse sentido, não somente como lugar de habitação e trabalho, mas como ambiente de troca de experiências modernas, a cidade torna-se palco e enredo de narrativas infantis no formato de rádio peça. A cidade é apresentada como um itinerário pontual para uma espécie de *flânerie* infantil. Enquanto um *fâneur* aprendiz, a criança, é

instigada a imaginar e viver objetivamente aventuras pela cidade, de modo a observar e absorver a experiência das ruas de Berlim. O sentido de seu flunar a conduz a um passeio, não apenas em sua realidade material. Quando a criança era convidada, por Benjamin em sua emissão, a ir até a cidade para visitá-la, o passeio pelas ondas do rádio conduzia o *flâneur* aprendiz a um encontro com a Berlim que habitava a interioridade daquelas crianças à época. Embora o olhar do *flâneur* seja o do distanciamento, ele é apresentado como uma personagem que, ao observar a vida urbana moderna, sente-a e busca asilo na multidão. A distância do olhar permite proximidade da multidão sem se diluir em meio a ela. Dito isso, esta é a distância que permite a ele e a criança como *flâneur* aprendiz contemplar a cidade sem se integrar por completo a ela. Esse deambular investigativo prescinde da percepção como princípio ético do passeante, possibilita compreender os fenômenos que envolvem o *flâneur* e a criança na metrópole moderna.

Contidas nas peças estavam conselhos ou reflexões iniciais, elaboradas somente nos textos considerados da maturidade, Benjamin parece ter enxergado nas obrigações do rádio uma oportunidade de testar uma práxis formativa em massa. A tensão lúdica causada pelos desvios e cortes no curso narrativo nas peças parecem contribuir para a finalidade didática das peças (BOLLE, 2000). As narrativas radiofônicas, sob o ponto de vista de um modelo de pensar histórico, ensinam que se lê a história pelos limiares formados entre letras grandes e pequenas, linhas e entrelinhas, texto e contexto, história dos vencedores e dos vencidos. Essa perspectiva de ampliação do conhecimento que encontramos nas narrativas radiofônicas, e que amplifica por meio das teses sobre o conceito de história, é o que estamos chamando de *conhecimentos limiares*. Ampliar as possibilidades sobre um determinado assunto, a partir das conexões sócio-históricas possíveis, nessa vertente, se mostrou como um fundamento importante para expandir a consciência histórica das crianças e seu protagonismo na ação social.

A relação forma/conteúdo se apresentou como outro componente importante na didática dessa pedagogia profana, exercitada via rádio. Em relação à forma, conforme explicam Bolle (2000) e Baudouin (2010): tem seus fundamentos no surrealismo e no teatro épico. Esses dois campos contribuíram para reflexões que permitiram ao pensador elaborar suas peças de modo a introduzir efeitos estéticos possíveis apenas no rádio, que contribuíram para fortalecer o sentido e a importância das alegorias e imagens dialéticas nas peças. Todos esses recursos são técnicos e demonstram, portanto, a intencionalidade

de Benjamin em construir algo que pudesse ser modelo para se contar/narrar histórias. A intencionalidade é algo importante para esta pedagogia. A intenção do pedagogo e o modo como desenvolve os conteúdos escolarizados sempre traz junto um sentido ético-político sobre a história. Afirmar ou negar a centralidade das letras grandes ou pequenas é um exemplo disso. É mais nesse sentido amplo do termo que estamos buscando o senso pedagógico das peças. Temos a clareza de que Benjamin não foi um pedagogo ou um educador no sentido estrito do termo, todavia, parece-nos claro também a intencionalidade em educar a percepção histórica das crianças, por meio das peças, em um momento político delicado na Alemanha da época.

Ao pensarmos nas peças do ponto de vista didático e da aprendizagem, podemos resgatar delas a intencionalidade de Benjamin, a atenção e o cuidado dado por ele a elementos aparentemente pouco relevantes para o esclarecimento como *Aufklärung* no cotidiano prosaico das massas. Esse cuidado o levou a questionar e exercitar, experimentar, a mediação do conhecimento por meios novos e metodologias inovadoras para a época, sem perder de vista a perspectiva dos vencidos em sua batalha diária, em seu cotidiano. Conforme Bolle (2000), por caminhos pouco convencionais, Benjamin demonstrou o início de um percurso como possibilidade de resgatar o sentido emancipatório do Iluminismo, na era da mídia.

Nessa vertente, como um modelo, ainda que precário, de uma educação ou pedagogia para a profanação, encontramos nas narrativas radiofônicas a afirmação de um modelo de formação para leitura histórica que recusa os aspectos instrumentais da cultura, as fantasmagorias mercantis, que ligam a subjetividade humana à objetividade do fascismo estrutural do capital. A sutileza com que os temas escolhidos guiam a criança pela narração relax antagonismos sociais do capital ainda não resolvidos na realidade social e sob uma perspectiva pouco ou não usual, pela ótica dos vencedores.

Talvez possamos dizer que isso tenha sido um grande ensinamento "à moda antiga" que Benjamin deixou aos futuros professores, como um caminho para combater o fascismo de nosso tempo presente, apresentando elementos para uma atuação profana como mediadores do conhecimento. Nas narrativas, aprendemos que uma educação profana se apresenta como caminho indireto, o que favorece as zonas limiares do conhecimento. Nas imagens que o pensador compõe na trama das peças, transubstanciam-se os conteúdos sociais em uma linguagem estética. A estética dessa linguagem contribui para se estabelecer uma negação da história oficial por meio do

diálogo, reflexão e síntese que emergem da articulação com a história dos vencidos. A história, nesse caso, não é matéria imediata, mercadoria educacional radiofônica, portanto, e sim uma mediação dos conteúdos históricos por meio da interpenetração da forma/técnica lúdica e do método em contar a história a contrapelo.

Diante disso, recuperamos a importância deste estudo na perspectiva de se analisarem as relações entre experiência e infância, sob o prisma da crítica à modernidade realizada por Benjamin. A proposição de uma "pedagogia profana" nos moldes como propusemos em nosso percurso, com tantos elementos complexos, requer pensarmos em como melhorar o ambiente de formação de professores em todos os níveis, principalmente em relação a proporcionar aos professores trocas culturais e acadêmicas de modo mais frequente e profundo. Investir na formação que a escola pode proporcionar para a criança que passa pelo crivo de fortalecer o professor, como sujeito e também como um profissional da educação, em todo seu percurso formativo. Sabemos que o problema educacional não se resume à formação de professores, todavia, na ponta do sistema, a relação se dá no núcleo do que é possível construir, juntos, professores e alunos.

Falar de uma infância do homem e outra da criança pode ser visto também como uma tentativa de recuperar ou construir de modo novo as relações entre crianças e adultos, professores e alunos, no século XXI. Nesse sentido, o protagonismo dos jovens secundaristas brasileiros, resolutos em "ocupar e resistir", pode ser muito bem traduzido como um grito de ordem que ecoa em nossa tese sob o código do *profanar e resistir*. Como analisar a reação de professores contra e a favor a esse movimento? O que podemos fazer para nos colocar de modo ativo nesse campo de lutas de classe e grêmios estudantis? Como realizar aspectos dessa didática profana em nosso processo pedagógico, na relação com nossos alunos? Poderíamos examinar livros didáticos, material de alfabetização, entre outros, ao recuperarmos a perspectiva de análise contida nas peças radiofônicas? Não conseguimos responder a todas as indagações que encontramos pelo caminho, todavia, esse pode ser o aviso de que outras pesquisas e estudos poderiam ser realizados, vinculando Benjamin, infância e educação profana ou para a profanação.

Além disso, o trajeto realizado ainda conseguiu fazer emergir questões não desenvolvidas em nosso itinerário e análises, devido ao tempo ou aos objetivos desta pesquisa. No que resta desta que são nossas considerações finais, gostaríamos de

registrar ao menos mais duas delas: a primeira diz respeito ao conceito de representação da obra “O drama Barroco Alemão” na relação com o tema da infância. Segundo o que entendemos, existe uma representação sobre a infância na obra de Benjamin que se constitui como uma alegoria importante, por meio de múltiplos fragmentos que, juntos, formam a constelação de conceitos com os quais se articula a ideia de infância. Assim, “o valor dos fragmentos de pensamento é tanto mais decisivo quanto menos imediata é a sua relação com a concepção de fundo, e desse valor depende o fulgor da representação” (BENJAMIN, 2013d, p. 17). Se para a representação a força está no que a constitui como alegoria, na forma do fragmento, entendemos que há muitos deles ainda não trilhados sobre a infância moderna e a criança. Recompôr esses fragmentos enquanto uma imagem é um caminho que pode ajudar a reconstruir o mosaico que compõe a infância na obra de Walter Benjamin. Não conseguimos desenvolver esse viés, pois chegamos a ele em um esbarrão, enquanto procurávamos aprofundar a noção de limiar (BARRENTO, 2010).

A segunda, reside numa relação entre infância e o trabalho, do professor Michael Löwy, sobretudo o conceito de Romantismo Revolucionário. Uma das questões trazidas pelos românticos e que repercutiu de modo contundente na história da educação é sua visão sobre a infância, sobretudo em Rousseau. Para Löwy⁶⁶, o Romantismo, para além de uma vertente literária, é uma visão de mundo que compreende uma das principais formas da cultura moderna, composta de um veio conservador e outro revolucionário. Neste sentido, conhecendo a estreita relação entre romantismo e infância, poderia ser profícua uma pesquisa que esclarecesse as relações entre Romantismo Revolucionário e infância na obra de Walter Benjamin. Isso poderia contribuir para refletirmos sobre as relações entre a escola e as crianças na atualidade.

66 “O romantismo não é, somente, uma escola literária do início do século XIX – como se pode, ainda, ler em vários manuais – mas uma das principais formas da cultura moderna. Enquanto estrutura sensível e visão de mundo, ele se manifesta em todas as esferas da vida cultural – literatura, poesia, arte, música, religião, filosofia, idéias políticas, antropologia, historiografia e as outras ciências sociais. Seguiu na metade do século XVIII – pode-se considerar Jean-Jacques Rousseau como “o primeiro dos românticos” –, corre através da *Friühromantik* alemã, Hölderlin, Chateaubriand, Hugo, os pré-rafaelistas ingleses, William Morris, o simbolismo, o surrealismo e o situacionismo, e está, ainda, conosco, no início do século XXI. Pode ser definido como uma revolta contra a sociedade capitalista moderna, em nome de valores sociais e culturais do passado, pré-modernos, e um protesto contra o desencantamento moderno do mundo, a dissolução individualista/competitiva das comunidades humanas, e o triunfo da mecanização, mercantilização, reificação e quantificação. Rasgado entre sua nostalgia do passado e seus sonhos de futuro, pode tomar formas regressivas e reacionárias, propondo um retorno às formas de vida pré-capitalistas, ou uma forma revolucionária/utópica, que não preconiza uma volta, mas um desvio pelo passado em direção ao futuro; neste caso, a nostalgia do paraíso perdido é investida na esperança de uma nova sociedade”. LÖWY, Michael. O romantismo revolucionário de Maio de 68. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br/084/84esp_lowyp.htm>. Acesso em: 01 fev. 2017.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Gilles. **Infância e História**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- AGAMBEN, Gilles. **Infância e História**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- AGAMBEN, Gilles. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- BARRENTO, João. Walter Benjamin: limiar, fronteira e método. In: **Olho d'água**. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da UNESP, São José do Rio Preto, v. 4, n. 2, p. 41-51, jul./dez. 2012.
- BARRENTO, João. **Limiares sobre Walter Benjamin**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.
- BAUDOUIN, Philippe. **Au microphone**: Dr. Walter Benjamin - Walter Benjamin et la création radiophonique 1929-1933. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'homme, 2009.
- BAUDOUIN, Philippe. Féeries radiophoniques. Walter Benjamin au microphone. In: **Les Cahiers philosophiques de Strasbourg**, n. 27, p. 113-138, juillet, 2010. Disponível em: <http://www.academia.edu/3093482/F%C3%A9eries_radiophoniques._Walter_Benjamin_au_microphone>. Acesso em: 17 dez. 2015.
- BAUDOUIN, Philippe. Brecht et Benjamin au microphone : une approche esthétique du théâtre radiophonique. In: **Revue Théâtre/Public - Le son du théâtre II**: Dire l'acoustique, n° 199, mars, 2011, p. 1-11. Disponível em: <http://www.academia.edu/3093436/Brecht_et_Benjamin_au_microphone_une_approche_esth%C3%A9tique_du_th%C3%A9%C3%A2tre_radiophonique>. Acesso em: 18 dez. 2015.
- BENJAMIN, Walter. Conceito de tratado In: **Origem do drama barroco alemão**. Tradução, apresentação e notas de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984. p.49-52.
- BENJAMIN, Walter. Prólogo epistemológico-crítico. In: **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013d, p. 13-48.

BENJAMIN, Walter. Sobre el programa de la filosofía venidera. In: **Para una crítica de la violencia y otros ensayos**. Madri: Taurus, 2001. p. 75-84.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. Exposé de 1939. In: **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 53-63.

BENJAMIN, Walter. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história” de Walter Benjamin. In: Löwy, M. (Org.). **Walter Benjamin: aviso de incêndio - uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 33-146.

BENJAMIN, Walter. **A hora da criança: narrativas radiofônicas**. Rio de Janeiro: Editora Nau. 2015.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013c.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: editora UFMG, São Paulo: imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: sobre a criança, o brinquedo e o brincar, a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única: Infância berlinense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013a.

BENJAMIN, Walter. **The work of art in the age of its technological reproducibility, and other writings on media**. Cambridge, Massachusetts. London: Harvard University Press, 2008.

BENJAMIN, Walter. **The correspondence of Walter Benjamin, 1910-1940**. I edited and annotated by Gershom Scholem and Theodor W. Adorno. Chicago: The University of Chicago, 1994.

BOLLE, Willi. Walter Benjamin e a cultura da criança. In: BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo e o brincar, a educação**. São Paulo: Summus, 1984. p. 13-16.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna: representações da história em Walter Benjamin**. São Paulo: Edusp, 2000.

BOTTOMORE, Tom (Org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. p. 19-32.

CARONE, Iray. As experiências radiofônicas de Walter Benjamin na República de Weimar (1929-1933). In: **VII World Congress on Communication and Arts**, Vila Real, Portugal, p. 243-245, 20-23 abr. , 2014.

FABIANO, Luiz Hermenegildo. **Indústria cultural**: da taxidermia das consciências e a estética como ação formativa. 1999. 197 f. (Doutorado em Educação)-Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1999.

GANGNEBIN, Jeanne Marie. Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin. In: **Perspectivas**, São Paulo, 16, p. 67-86, 1993.

GANGNEBIN, Jeanne Marie. Pré-fácio - Walter Benjamin e a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 7-19.

GANGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em W. Benjamin**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

GANGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração** – ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Ed. 34, 2014.

GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. **Mimese na cultura**: agir social, rituais e jogos, produções estéticas. São Paulo: Annablume, 2004.

GRIGOROWITSCHS, Tamara. Jogo, mimese e infância: o papel do jogar infantil nos processos de construção do self. In: **Revista brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, p. 230-246, maio/ago. 2010.

GRIGOROWITSCHS, Tamara. **Jogo, mimese e socialização**: os sentidos do jogar coletivo na infância. São Paulo: Alameda, 2011.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin - Aviso de Incêndio**: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

LÖWY, Michael. Prefácio – Walter Benjamin, crítico da civilização. In: **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013. p.7-21.

LÖWY, Michael. A filosofia da história de Walter Benjamin. In: **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 199-206, maio/ago. 2002.

MASSAGLI, Sergio Roberto. Homem da multidão e o flâneur no conto “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe. In: Terra roxa e outras terras. **Revista de Estudos Literários**. v. 12, p. 55-65, jun. 2008.

MAZZARI, Marcos Vinícius. Nota introdutória. In: BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e o brincar, a Educação**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

MATOS, Olgária. Baudelaire: antítese e revolução. In: **Alea**, v. 9, n. 1, p. 88-101, jan./jul. 2007.

MATOS, Olgária. **O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MARCHI, Rita de Cássia. Walter Benjamin e a infância: apontamentos impressionistas sobre sua(s) narrativa(s) a partir de narrativas diversas. **Revista Educação** (PUCRS. Online), v. 34, p. 221-229, 2011.

MITROVITCH, Caroline. **Experiência e Formação em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MOREY, Miguel. Kantspromenade, invitación a la lectura de Walter Benjamin. In: **Revista Creación**. Madrid, n. 1, p. 1-11, abr.1990. Disponível em: <<http://www.mediafire.com/view/1422414gq39f343/BBF006.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

PEREIRA, Uilcon. Apresentação da edição brasileira. In: **Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a Educação**. São Paulo: Summus, 1984. p. 9-12.

ROUANET, Paulo Sérgio. Apresentação. In: **Origem do drama barroco alemão**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p. 11-47.

SAVAGE, John. **A criação da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SCHAFER, R. Murray. Rádio Radical In: **Rádio Nova, constelações da radiofonia contemporânea**. Rio de Janeiro: UFRJ; ECO, Publique, 1997.

STEINER, Uwe. **Walter Benjamin: an introduction to his work and thought**. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 2010.

SUBIRATS, Eduardo. Introducción por Edauro Subirats. In: **Benjamin, Walter**. Para una crítica de la violencia y otros ensayos. Madri: Taurus, 2001. p. 9-19.

TIEDEMANN, Ralf. Nota à edição alemã. In: **A hora da criança: narrativas radiofônicas**. Rio de Janeiro: Editora Nau. 2015.

VAZ, Alexandre Fernandes. Educação, experiência, sentidos do corpo e da infância (um estudo experimental em escritos de Walter Benjamin). In: **Experiência, educação e contemporaneidade**. Marília: Poiésis Editora, 2010. p. 35-49.